

## BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHTECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUÇÕES

N.º 4

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

## SUMMARIO D'ESTE NUMERO

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA :

|                                                                                                                    |         |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| Resultado da eleição para os cargos da Sociedade Academica Indo-Chineza de França.....                             | Pag. 49 |
| Como se realisaram progressos nas construcções do periodo da architectura ogival — pelo sr. J. P. N. DA SILVA..... | » 49    |

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :

|                                                                                                                                                                                         |      |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| Memoria, premiada pela Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, apresentada pelo socio o ex. <sup>mo</sup> sr. Antonio Francisco Barata, para o concurso em 1884..... | » 56 |
| Resumo elementar de Archeologia Christã (continuação) — pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....                                                                                               | » 60 |
| Explicação da estampa n.º 87 — pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....                                                                                                                        | » 61 |
| Chronica.....                                                                                                                                                                           | » 61 |
| Noticiario.....                                                                                                                                                                         | » 63 |

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA

**Sociedade Academica Indo-Chineza de França**, fundada pelo nosso digno socio honorario o sr. marquez de Croisier.

Resultado da eleição para os cargos no presente anno :

Presidente, o sr. marquez de Croisier; vice-presidentes, os srs. Paul Leroy-Beaulieu, membro do Instituto; Jacques Hebrard, senador; S. de Heredia, deputado, antigo ministro; Léon Féer, bibliothecario da secção dos manuscritos da Bibliotheca nacional; secretario geral, sr. Eugène Gibert; secretarios, os srs. Dutilh de la Tuque, A. R. Havet; thesoureiro, sr. P. Lepesqueur.

Membros para o conselho, srs. Zastonnnet des Fosses, A. Dilhan, L. Delonche, Jean Dupais, A. Grodet, Émile Guimed, M. d'Hervay de Saint-Denis, membro do instituto, V. A. Malte Brun, Abel des Michels, professor da escola das linguas orientaes, R. de Saint-Arroman; Ternisien, antigo deputado da Cochinchina.

O Delegado em Portugal

J. P. N. DA SILVA.

## COMO SE REALISARAM PROGRESSOS NAS CONSTRUÇÕES DO PERIODO DA ARCHITECTURA OGIVAL

Se a Inglaterra e as provincias Rhenanas possuem admiraveis edificios do estylo ogival, no seu desenvolvimento mais perfeito, todavia os monumentos d'essa epoca, existentes em França, patenteiam o merecimento que a arte ogival obteve n'este paiz, pelos laboriosos estudos feitos para estabelecer o systema d'esta architectura; e tanto isso é verdade, que não só a Inglaterra, mas a Allemanha, se serviram dos artistas francezes, para executarem as construcções dos seus grandes edificios levantados na idade media, principalmente no XIII seculo.

Mas como poderam no XII e XIII seculos realisar um tão grande numero de construcções extraordinarias, tanto pelas suas dimensões, como pela sua magnificencia? Foram edificadas no XIII seculo e quasi completas, as mais bellas e importantes, taes como as cathedraes de Paris, Reims, Chartres, Amiens, Mans, Lyon, Bourges e Capella Santa de Paris, alem de mais 32 edificios reli-

giosos em outros pontos da França. Na Allemanha, na mesma epoca se erguem os Domos de Ratisbonna, Magdeburgo, Alberstadt, N. S. de Treves, Santa Izabel de Marbourg, a cathedral de Fribourg, em Brigan, e uma parte da cathedral de Colonia. No mesmo periodo, na Belgica, apparece a capella mór de Santa Gaudelia em Bruxellas; a torre de N. S. de Burges; na Gran-Bretanha, a cathedral de Salisbury, a capella-mór e a nave principal de Lichtfield; os cruzeiros da de York; a capella-mór de Winchester, e uma parte da Abbadia de Westminster. Na Hespanha erguem-se a cathedral de Burgos e a de Toledo; em Portugal o monumento religioso da Batalha; em Italia S. Paulo de Veneza, S. Francisco de Bolonha, Santa Maria de Spina em Pisa, os Domos de Orrieto e Arezzo, a grande egreja de Santa Maria das Flores em Florença.

Como se poderá explicar terem-se executado tantos trabalhos e a rapidez com que se concluíram? Pois a cathedral de Reims ficou completa no espaço de 30 annos; a de Chartres em 28 annos; a Capella Santa de Paris, a joia da architectura ogival da França, em 3 annos, e a cathedral de Paris em 50 annos custando 70 milhões! Como pois se effectuaram tantas maravilhas?

As corporações religiosas depois de terem divulgado a sciencia e formado as povoações, haviam realisado admiraveis modelos para esses monumentos, e dado um poderoso impulso aos progressos da arte de edificar. Não ergueram as cathedraes monumentaes, é verdade, porém edificaram um grande numero de capellas pertencentes ás abbas, as quaes ainda causam admiração aos archeologos, sem mencionar um sem numero de claustros, casas capitulares, cujas ruinas servem ainda hoje de estudo da arte d'essas eras.

Do mosteiro saiu a idéa d'associação; as corporações dos officios se sujeitaram a determinados preceitos a cumprir, tomando o exemplo d'esses religiosos que lhes haviam dado o ensino, e foram elles os primeiros que conseguiram, pelo poder da associação, realisar essas grandiosas obras superiores a tudo aquillo que se havia executado antes.

Appareceram então os Irmãos Pontifices (assim chamados), os quaes tomaram por distinctivo a representação de uma ponte e de uma cruz assinaladas sobre o seu habito; foram essas duas palavras, de que se derivou a designação de *Pontifices*. Estes homens appareciam aonde eram chamados para se executarem essas importantes edificações, prestando um valioso serviço ás diferentes povoações, pois estabeleciam os meios de se poderem communicar entre si, cousas de que se não tinham occupado os governos de então, depois

da queda do dominio romano. Foi d'aqui que se originaram as grandes corporações maçonicas, que como ellas tão efficaçmente contribuíram para a edificação das portentosas cathedraes do estylo ogival. A exemplo d'essas corporações se creou em França a confraria de S. Lucas no reinado de S. Luiz, a qual reunia os architectos, esculptores, pintores, douradores e illuminadores; existindo ainda hoje os estatutos pelos quaes se regiam. O mesmo aconteceu em Roma com a congregação de S. Lucas formada no XIV seculo; mas esta não era para se transmittir as novas descobertas, nem tão pouco a adopção de novos methodos; serviam as suas reuniões simplesmente para entoar louvores a Deus, e render-lhe acções de graças.

Muitas circumstancias concorreram para favorecer o impulso dado pelos mosteiros. No XII e XIII seculos os Municipios contribuíam, empregando de bom grado todas as suas réndas, para construir os monumentos que serviam de testemunho da sua riqueza e independencia. O campanario e a casa da camara eram pelo seu character os edificios que representavam o poder Municipal; porém a cathedral, pela sua grandeza e magnificencia, attestava melhor ainda a abundancia dos recursos que os povos sabiam crear depois de libertados da influencia feudal. A cidade de Lyon começou a construir a sua famosa cathedral, logo que obteve o fôro da sua independencia, como para estabelecer por este monumento a garantia dos seus privilegios. Era, alem d'isto, nas cathedraes onde o povo tinha as suas grandes assembléas, e já com este fim, haviam dado grandes dimensões á egreja de Lyon; assim como aconteceu a muitas outras d'essa epoca, que serviam perfeitamente para as grandes reuniões populares; sendo hoje as eleições de deputados feitas dentro das nossas egrejas, como uma reminiscencia d'esse uso popular, que na idade media haviam adoptado, para deliberarem dentro dos templos o que melhor conviesse aos interesses dos cidadãos.

As egrejas serviam ás vezes, não sómente para as deliberações das municipalidades, como tambem para as festas civis, regosijos publicos, até mesmo para representações profanas e para *entremезes* extravagantes, os quaes eram uma necessidade n'aquelles tempos. Representava-se por exemplo a dança dos *tamancos*; a festa dos innocentes, na qual os meninos do côro vestiam capa-d'asperges, occupando os lugares de sacerdotes e cantavam o officio divino com toda a casta de grosserias e zombarias; dando-se-lhes á noite uma ceia lauta feita á custa do cabido. Havia igualmente a festa dos *loucos* ou dos *asnos*, cujo programma ainda se conserva. O geral da situação d'esta epoca explica perfeitamente a conducta do clero; os bispos estimavam mais abrir as portas dos gran-

diosos templos á multidão, consentindo-lhe ás vezes representarem verdadeiras saturnaes, essas festas licenciosas que na antiga Roma se faziam em honra de Saturno; antes do que encerrar-se no santuario e deixarem fermentar da parte de fora as idéas populares; pois que sendo as reuniões das cidades feitas debaixo das abobadas da magestosa cathedral, posto que para negocios profanos, ficavam tendo forçosamente um character religioso. As populações costumavam-se por este modo a considerar a cathedral como o centro de qualquer manifestação publica; e debaixo d'este ponto de vista, faziam muito bem os bispos e os cabidos de assim o consentirem; pois comprehendiam perfeitamente o espirito da sua epoca; sabiam que para civilisar os entendimentos ainda grosseiros, tão facéis em se deixarem arrastar, movidos por um profundo sentimento de independencia, era preciso para os guiar nos seus proprios interesses, que o monumento sagrado fosse escolhido para ser o melhor agente de qualquer acto publico.

A cathedral era pois o monumento da cidade: era ella na verdade a casa do povo. O miseravel casebre onde o povo se recolhia, diz Mr. Michelet, vinha a servir d'um abrigo momentaneo; não havia senão uma unica casa a que se devia dar esse nome, essa era a casa de Deus. Não era em vão que a Igreja tinha a prerogativa d'asilo para os criminosos; a vida social se havia refugiado ahi toda, era n'esse logar que o povo orava; a municipalidade não escolhia outra parte para tomar as suas deliberações, e quando o sino grande vibrava, era ainda a voz da cidade que se ouvia, portanto a cathedral era ao mesmo tempo o edificio do municipio e o monumento da cidade; a sua construcção indicava um acto da fé por parte do povo.

Estimuladas por todos estes motivos, as populações se apressaram a concorrer para a edificação da cathedral, "por todos os meios ao seu alcance, sem fallar nos recursos pecuniarios que todos offereciam com empenho; era esse zelo excessivo a ponto de privarem-se os fieis de gastarem leite e manteiga durante a quaresma, para com a quantia poupada correspondente a essa despesa terem os meios necessarios para erguerem uma das torres da cathedral de Bourges, e em recordação d'este acto de privação, ficou-se-lhe chamando a torre da *manteiga*. Então o pobre trazia o seu obulo, o abastado os seus haveres, as damas as suas joias, todos contribuiam generosamente. As povoações inteiras entregavam-se ao trabalho, esquecendo qualquer outro cuidado, nenhuma preocupação as desviava do seu intento; sem distincção de classe e de fortuna, se emprega-

vam, não só a apparelhar a cantaria ou a escultura, mas no transporte penoso dos materiaes para a egreja monumental. Não se inquietavam por nenhum modo em calcular o orçamento, em meditar d'onde lhe viriam os meios; dispunham-se ao trabalho com tal enthusiasmo e perseverança, que o edificio medrava com tamanha rapidez, que parecia por um poder sobrenatural; porque não sómente os habitantes de uma provincia se reuniam para a construcção d'uma cathedral, mas tambem os das provincias mais proximas concorriam para essa obra religiosa, e logo que findava a construcção, todos se dirigiam para outro ponto, em que fosse necessario o seu trabalho: foi por este modo que na edificação da cathedral de Strasbourg se reuniram ao mesmo tempo *cem mil operarios!*

Para dar uma idéa d'esse fervor religioso nas edificações das cathedraes transcreverei um extracto de uma carta do abbade Haimon de S. Pedro, aos religiosos de Tulleberg a respeito do animo de que estavam animados esses trabalhadores desinteressados, quando se empregaram na construcção da cathedral de Chartres. «Quem poderia nunca ouvir, escrevia esse abbade, quem teria «nunca visto, principes, nobres, poderosos d'este «seculo, guerreiros, e damas delicadas, dobrar o «seu pescoço sob a canga á qual consentiriam ligar-se como se fossem animaes de carga, para «arrastar pesados materiaes? Encontram-se milharas de individuos puchando por vezes uma «unica machina, enormemente pesada, e transportando-a a uma grande distancia para serventia «dos operarios. Causa nenhuma os detem, nem montes, nem valles, nem mesmo a passagem dos rios. Porém o mais extraordinario é que esse «excessivo numero de pessoas reunidas caminham «sem confusão nem alarido. As suas vozes não se «ouvem senão a um signal dado; então principiam «a entoar canticos ou imploram o perdão para «os seus peccados. Logo que chegam ao seu destino, esses irmãos na fé rodeam a igreja, «conservando-se em roda do seu carro como se «fossem soldados guardando o acampamento. Ao «escurecer do dia, accendem velas, entoam orações, e levam offertas para depositarem sobre «as reliquias sagradas; depois os sacerdotes, os «ecclesiasticos, o povo, contritos, retiram-se com «grande devoção, cada um para a sua habitação, «pondo-se a caminho debaixo de ordem, psalmodiando e rezando em favor dos doentes e agonisantes». Com uma tão sincera devoção, esses homens seriam capazes de penetrar até ao centro da terra; e só assim, com uma fé tão viva, se podiam emprehender obras surprehendentes.

A construcção da cathedral era tambem uma obra de devoção da parte dos artistas, dos archi-

tectos e dos esculptores, que contribuíam com as suas prodigiosas composições para ornarem os edificios religiosos. Calculai, diz Mr. Pitre Chevalier, todo o tempo que seria necessario a esses habéis artistas, *magistri de lapidibus vivis*, para erguer do solo ao ceo essa poderosa vegetação de pilares, de naves, desde os solidos troncos até aos elegantes caprichos das folhagens; para rendilhar os espelhos onde a luz e a sombra produzem tão admiraveis effectos; esses campanarios esbeltos d'onde echoam harmoniosos sons; para recortar com o cinzel nos recantos mais occultos das abobadas, até ao cimo das agulhas que se confundem com as nuvens, esses trabalhos primorosos nos quaes se consumia a vida do artista, e que sómente os anjos poderiam apreciar curvando-se sobre a terra. Indagae qual foi o premio que tiveram os auctores d'essas maravilhas, o fructo que colheram do seu immenso trabalho. Nenhum! unicamente a gloria de servir a Deus. Sim, esses artistas trabalhavam sómente em louvor de Deus. Procuraes, n'esses milhões de pedras lavradas pelas suas mãos, se porventura encontraes o seu nome, o mais minimo signal que os patenteie á posteridade! Procurareis debalde; não quizeram negociar com Deus, apenas pedir-lhe um cantinho do seu paraizo para descanso de suas almas.

O silencio desinteressado no qual se occultaram os artistas da idade media, foi da parte d'elles mais um merito que devemos admirar; seria tambem um titulo para o seu paiz, que os seus nomes ficassem registrados com todo o esmero nos annaes das artes, e que a sua existencia fosse conhecida em todas as suas phases. Infelizmente os seus contemporaneos não se preoccuparam de conservar esses apontamentos biographicos; o que devemos tanto mais sentir, que teriamos sem duvida descoberto uteis lições sobre a pratica d'uma arte que esses eminentes artistas conheciam com tanto saber e talento.

Em parte, a Associação dos Architectos civis portuguezes quiz reparar um tão ingrato esquecimento para com os habéis architectos, que no nosso paiz deixaram obras dignas d'admiração dos concededores, approvando a proposta que apresentámos para se mandar esculpir, sobre os monumentos que possuímos dos seculos passados, os nomes d'aquelles por quem foram delineados e construidos e as eras da sua edificação. Será um nobre exemplo que daremos aos outros paizes commemorando os nomes dos artistas de merito que dotaram a sua patria com admiraveis monumentos. Já hoje os architectos francezes inscrevem os seus nomes nos edificios que teem construido.

Se quizessemos unicamente descrever os monumentos de maior importancia do XIII seculo, aquelles

que merecem principalmente fixar a atenção, não seria sufficiente destinar para esse estudo os numeros do Boletim para o conseguirmos: portanto trataremos em breve descripção dos principaes monumentos do estylo ogival; escolhendo para esse fim os que offerecem mais interesse pelas suas dimensões e importancia para o estudo da arte n'essa epoca. Occupar-nos-hemos d'aquelles em que a ogiva e o seu systema obtiveram o mais completo desenvolvimento.

Sem duvida o XIII seculo legou á nossa admiração um grande numero de edificios de subida importancia, mas podemos affirmar que nenhum d'elles teve um caracter tão completo, e pôde servir de precioso ensino como o da cathedral de Amiens. Se as cathedraes de Chartres e de Paris principiadas antes que a arte ogival estivesse completamente constituida, conservam mui numerosos indícios do estylo anterior; outras, pelo contrario, chegaram a prolongar os seus trabalhos até á epoca, tão breve chegada, da decadencia, ás lastimosas modificações no estylo ogival introduzidas nas suas primitivas disposições. Alguns edificios occultos em cidades distantes do desenvolvimento da arte, não estão no caso pelo seu aspecto, nem pela natureza dos seus materiaes de mostrarem um favoravel exemplo; muitos foram executados n'uma escala assás restricta para poderem produzir uma grandiosa impressão. Não se dá nenhum d'estes casos no edificio religioso de Amiens. Esta cathedral foi fundada em 1230, no momento em que a nova arte acabava de desabrochar, e se havia libertado de todo o estorvo.

Este monumento ergue-se com rapidez sob a direcção do mais illustre architecto da epoca, Roberto de Lugarches. Foi no dominio real de França, que viu apparecer e desenvolver-se o novo estylo, que esta celebre igreja conserva com a maior perfeição ficando rodeada d'outros edificios do mesmo genero, erguidos na presença do publico entusiasmado, e por mãos de operarios habéis que estavam dominados pelo mesmo espirito. Emquanto ás suas proporções, ellas vão alem de tudo aquillo, que se tinha visto até então, pois a nave principal tem perto de 30 metros entre os eixos dos pontos de apoio e a sua altura tomada por baixo da chave da abobada é de 45 metros. Portanto este monumento vem a ser um dos mais preciosos para a historia da arte, e a sua construção exerceu uma extraordinaria influencia, não sómente em França, mas tambem nos outros paizes estrangeiros. Apenas erguida do solo, já a sua reputação estava reconhecida, e a tomavam para servir de modelo a identicos monumentos.

Devemos notar que a parte superior do cruzeiro e a da capella-mór, que foram construidas na ultima

metade do XIII seculo, não apresentam já essa grandeza relativa de formas nem essa solidez de construção que se admira na nave principal, quando a comparemos ás outras obras contemporaneas; assim como á fachada occidental não deram, nem o desenvolvimento, nem o caracter monumental conforme havia delineado o primitivo architecto. Os alicerces designados por elle para sustentar as duas torres foram postos de banda, e as torres reduzidas á metade da grossura, menos elevadas que deviam ser segundo o antigo risco, não estando em harmonia com a magnifica fabrica que ellas ornão.

Dois outros architectos continuaram a construção principiada pelo architecto Roberto, á excepção das torres, que foram erguidas a alturas desiguaes em 1366 onde se acham actualmente.

O plano da igreja de N. S. d'Amiens forma uma Cruz Latina, e compõe-se de uma nave principal de 14<sup>m</sup>,66 centímetros de largo de eixo a eixo dos seus pilares; as naves lateraes tem 6<sup>m</sup>,49 centímetros de largura; tendo o cruzeiro 13<sup>m</sup>,64 centímetros; o fundo da capella-mór é formado por 7 lados, havendo no centro a capella de Nossa Senhora, a qual occupa 3 lados, e finalmente 6 capellas, 3 ao Norte e 3 ao Sul limitadas egualmente por 3 lados do polygono. O comprimento total do monumento do Poente ao Nascente, na parte interna, é de 143<sup>m</sup>,80 centímetros; a sua altura tomada por baixo da abobada é de 42<sup>m</sup>,50 centímetros.

O comprimento total da igreja de Reims, 138<sup>m</sup>,94, tem differença para menos de 4<sup>m</sup>,76 centímetros; a de Amiens é da largura total de 30<sup>m</sup>,29 centímetros, tendo para mais do que a outra cathedral 2<sup>m</sup>,65 centímetros; sendo a altura d'esta superior em 4<sup>m</sup>,17 centímetros, visto ser mais alta a igreja de Reims de 38<sup>m</sup>,33 centímetros. A antiga igreja do Carmo, de Lisboa, onde está o museu de archeologia tem o comprimento total de 61<sup>m</sup>,50 centímetros e de largura 30<sup>m</sup>, portanto ha a differença sómente no comprimento, pois em largura é quasi igual. O cruzeiro da cathedral de Reims forma um quadrado; e o de Amiens repete a disposição das 3 naves, dando isso logar a ser a extensão quasi dupla n'estas ultimas igrejas: todavia a do Carmo era a maior que havia em Lisboa, e fazia dizer a el-rei Filippe II, isto sim, *que é uma igreja!*

Na cathedral de Amiens as paredes que formam o seu contorno parece que não existem, para dar logar a uma serie de contra-fortes. N'isto não ha nada que não seja muito judicioso, pois que a construção ficava disposta de maneira a mais favoravel para ter a sufficiente resistencia. Entre os pontos sobre os quaes se exerce o esforço das

abobadas, bastava fechar esse espaço por esteios aos contra-fortes: não eram necessarias paredes de grande grossura para preencher este fim, substituindo-as o espaço por grandes vidraças, cujos arcos estabelecem uma consistencia sufficiente entre os elementos successivos da construção, e ao mesmo tempo servem para apoiar a calha para agua da chuva na extremidade do madeiramento da perna do telhado que cobre as naves lateraes. Se compararmos as construções da epoca precedente de architectura Romã, faremos uma observação muito notavel, que no plano da igreja do XIII seculo, os pontos de apoio, ainda que mais afastados, tem menor secção do que se empregava em identico caso nas edificações do periodo antecedente. A relação que havia entre os espaços rotos e cheios, isto é d'aquillo que era util e d'aquillo que era apparente, foi augmentando consideravelmente; devido sobre tudo a uma disposição mais intelligente na construção das abobadas e dos seus pontos de apoio. Tambem é para reparo, que já a forma d'esses pontos de apoio não é a a mesma; sendo cylindricos, ainda que flanqueados de columnas envoltas, ganhando assim em elegancia e leveza o seu aspecto.

Essas differenças notam-se ainda muito melhor, quando se comparam os cortes d'estes edificios pertencentes a essas duas epocas: fica-se surprehendido immediatamente pela differença que os caracteriza. As proporções do edificio Romã parecem pesadas e massicas no confronto com as da nova construção, e todavia estas são muito alteadas comparativamente ás das architecturas anteriores. Nas construções Romãs o edificio não chega a ter duas vezes a sua largura em altura; conforme succedia nas basilicas Romanas, nas basilicas Latinas e nas construções Byzantinas; enquanto na cathedral de Amiens esta relação chega a ser de quasi 3 vezes e meia; o mesmo acontece para as alturas comparativas das arcadas que separam a nave principal das lateraes. Nas columnas ainda a differença é mais sensivel, pois se tomarmos a altura das columnas principaes, que recebem o nascimento das abobadas da nave principal, acharemos terem 10 diametros de altura nas construções Romanas da basilica de Constantino; 33 nas igrejas Romãs e o duplo, 66 vezes, na cathedral de Amiens. A necessidade de formas alteadas era por tal maneira indicada na architectura ogival, que faz acceitar as disposições menos racionaes. As arcadas das galerias, por exemplo, não podiam ter tanta altura comparativamente com as das naves lateraes; posto que fossem metade menos largas, davam-lhe duas vezes essa largura em altura, mas isso não era ainda sufficiente. Para remediar este defeito, podiam ter abaixado um pouco as arcadas

inferiores, cousa facil de se fazer; porém adoptaram uma outra maneira de satisfazer melhor ao que se propunham, resolveram a difficuldade por este modo: cada uma das aberturas pertencentes ás galerias, posto que não tivesse mais de 3 metros de vão, dividida em tres partes eguaes por meio de duas delicadas columnasinhas. Estas divisões não tinham nenhuma utilidade material, causavam estorvo ás pessoas que occupavam as galerias, fazendo parecer até mesquinha a sua architectura; pouco importava, visto que assim contribuiam efficaçmente ao character adoptado, satisfazendo ao ideal d'aquella epoca.

E' preciso darmos ainda outros exemplos da mesma intenção. Examinaremos os pilares collocados na intersecção dos braços da cruz que formam o cruzeiro. Elles são assaz minimos de dimensões, pois que estão inscriptos em um quadrado de 2<sup>m</sup>,30 centimetros por lado, e todavia cada um d'elles não tem menos de 16 columnas sobre o seu contorno. Do mesmo modo, muitos d'esses pontos de apoio ficticio tem para mais de 130 vezes o seu diametro em altura. Deram-lhes alem d'isso uma apparencia de utilidade: ligaram-os mui habilmente á construcção sobreposta, multiplicando os artazões da abobada, e repartindo uma columna por cada um d'elles. A harmonia é perfeita, e posto que a sua forma não seja muito judiciosa na apparencia, pelo menos apresenta alguma cousa de plausivel, e concorre para o bello effeito do todo.

Se examinarmos o cimo das paredes que separam as capellas da absis, veremos grupos de columnas isoladas, as quaes não têm mais de 0<sup>m</sup>,20 centimetros de diametro sobre 14 metros de altura, e todavia dão nascimento ás abobadas! Sem duvida a temeridade é mais depressa apparente que real, essas columnas não eram necessarias, pois não supportam o peso que parece sustentarem, porém quer-se apparencias e não o que convem, e devemos reconhecer que seria impossivel de procurar surprehender melhor a imaginação, mesmo com o risco de offender a intelligencia de qualquer amador exigente.

O impulso que se havia produzido no Norte da França era muito poderoso para ficar ali detido; satisfazia sobre maneira ás disposições novas das idéas para não invadir os outros paizes. Penetrou pois nas outras provincias da antiga Gallia, Allemanha e Inglaterra; porém não sem experimentar alguma resistencia. Renunciavam com difficuldade ás disposições geraes, ás quaes estavam habituados, limitando-se primeiramente a lhe applicar unicamente as novas formas decorativas. Foi sempre observada a mesma tendencia; adoptando os detalhes e respeitando as disposições geraes.

Não seria fóra de proposito compararmos de

que maneira na egreja do convento da Batalha combinavam essas diversas proporções, ainda que este nosso monumento seja de um seculo mais posterior, todavia seguiram na sua disposição interna a simplicidade magestosa empregada nos mais bellos monumentos construidos no XIII seculo; só no exterior do edificio é que ficou mais assignalado o character já florido da architectura ogival do XIV seculo: portanto vejamos como o habil architecto applicou a esta formosa fabrica as regras que a arte n'esse periodo havia adoptado para engrandecer a elevação dos seus monumentos, sem comtudo comprometter a precisa estabilidade de tão grandiosas construcções. Os pilares não occupam mais de 1<sup>m</sup>,83 centimetros para cada lado do quadrado, o qual comprehende inscriptas 12 columnas involtas no mesmo pilar, sendo 4 d'estas de diametro duplo do que deram ás outras 8; tendo-se-lhes dado em altura ás menos grossas, 62 e meia vezes o seu diametro! A altura da nave principal contém quasi 4 vezes a sua largura, pois lh'a deram de 3 vezes e  $\frac{2}{3}$ ; e das naves lateraes tem mais de 4 vezes a sua largura; assim como as columnas que recebem o nascimento das abobadas do cruzeiro, têm 50 vezes o seu diametro. O comprimento total da egreja da Batalha é 99<sup>m</sup>,53 centimetros, isto é, uma terça parte maior que a egreja d'este edificio do Carmo, porém a sua largura é menor quasi 6 metros, pois as tres naves da Batalha medem 23<sup>m</sup>,87 centimetros: a differença de altura é 16<sup>m</sup>,48 centimetros, visto que a egreja da Batalha só tem 29<sup>m</sup>,70 centimetros: não obstante ter a cathedral de Amiens mais do duplo do comprimento d'este edificio, não é todavia a sua largura maior, pois para ser igual lhe faltam ainda 2<sup>m</sup>,26 centimetros; e posto que haja differença entre o comprimento e a largura d'estes 4 monumentos, pareceu haver, com pouca discrepancia nas respectivas alturas, regulando ter-se dado em altura á nave principal, a terça parte do comprimento total de cada uma d'estas egrejas.

O interior da cathedral de Amiens produz tambem um dos effeitos mais extraordinarios, proprio da architectura da idade media. A vista fica deslumbrada quando descobre a altura d'essas abobadas, e a dimensão colossal da abertura das janellas envidraçadas que fazem o seu mais bello ornamento; o espirito fica attonito contemplando essas grandiosas proporções, e ao mesmo tempo surprehendido pela extraordinaria simplicidade patente por toda a parte no interior d'este vasto edificio.

Ha um outro monumento que deve ser igualmente estudado d'uma maneira mais especial: refiro-me á cathedral d'Angers por ser d'uma grande importancia para a historia d'arte. Póde-se ver

n'este edificio o typo d'um estylo d'architectura bem caracterizado, produzido pelo resultado do encontro de dois systemas distinctos, vindo um do Norte da Europa e o outro do Meio-dia. O plano d'esta egreja faz lembrar de uma maneira notavel o das egrejas byzantinas, sendo formada a nave por uns espaços, pois não tem naves lateraes; tres outros espaços são reservados para extensão do cruzeiro; um espaço semelhante aos precedentes e limitado por uma absis semi-circular forma a capella-mór. Espera-se ver coberto este templo por cupulas sobre *abobadas pendentes*, mas o que apparece são apenas columnas de forma alteada, abobadas de barrete e por toda a parte a ogiva, menos nas janellas da nave. Não é preciso examinar por muito tempo, para se descobrir que a forma das abobadas não é inteiramente a mesma. A generatriz do cylindro que se encruza não é uma linha recta, é um arco de circulo, e o fecho central da abobada está posto a uma grande altura por cima dos arcos principaes. Ha n'isto uma reminiscencia evidente da cupula byzantina, d'essa cupula que no principio ficava separada bastante visivel das suas abobadas pendentes como é construida a da egreja de Santa Sophia; confundindo se depois com elles, para definitivamente admitir os artzões, produções derivadas da architectura da região septentrional, passando assim por uma serie de transições afim de obter esta forma que se observa em Angers, e tambem foi adoptada sobre as margens do Rheno onde as tradições byzantinas conservaram por muito tempo a sua applicação. Esta disposição tem por fim lançar sobre as paredes do edificio uma parte do esforço das abobadas, em lugar de a concentrar unicamente sobre alguns pontos do edificio. Por esta razão nota-se n'estes edificios serem as paredes mais grossas e os contra-fortes terem menos saliencia do que se encontra na cathedral de Amiens.

Emquanto ás proporções geraes da cathedral d'Angers, pertence mais á architectura ogival do Meio-dia do que á do Norte. As columnas são menos alteadas, e o edificio tem menos elevação que na maior parte das bellas egrejas do estylo ogival. A altura da nave não chega ao duplo da sua largura, emquanto que muitas d'estas egrejas a augmentam até ao triplo.

A ornamentação d'este edificio é muito notavel, e são de muito bom gosto os capiteis das columnas do cruzeiro, tendo sido executadas com grande esmero.

Por todas estas circumstancias a cathedral d'Angers produz extraordinario effeito. Desde que se penetra na parte interna, experimenta-se a admiração que causa a presença de um todo tão magestoso, composto com admiravel grandeza, porém combinado com uma singeleza tão singular

que denota ter sido construido este edificio com bastante raciocinio em todas as suas partes, e por isso satisfazendo completamente ás legitimas exigencias do culto da arte e do bello. O caracter monumental é mais bem indicado n'este edificio que nos outros da arte ogival em França; esse caracter é realmente bem assignalado, pois consiste mais quanto ao essencial que ás apparencias: o haverem supprimido as galerias lateraes, a disposição das abobadas, e a altura moderada da nave principal, todas estas disposições contribuem evidentemente para a solidez da construcção.

Devemos declarar não obstante que o estylo não convem perfeitamente á fórma adoptada, pois que a mesquinhez dos detalhes faz contraste de uma maneira pouco agradável comparando-se á sua grandeza e disposição geral. Sob o ponto de vista esthetico este edificio não se póde comparar a nenhum dos dois typos descriptos; nem á cathedral de Amiens nem á de Reims, que, sendo de estylos diversos, tem todavia assignalada n'uma e n'outra uma constante uniformidade bem patente em todas as partes das suas construcções, o que em qualquer momento deve ser sempre observado.

A rapidez com a qual a nova arte se generalizou, deve ser attribuida a duas cauzas; primeira, o estado das idéas d'aquella epoca, que aspiravam com afan aos melhoramentos sociaes, alem da influencia d'uma organização particular, dos pedreiros livres. Essas congregações de operarios estavam instituidas desde muito tempo; como já me referi á epoca em que isso teve lugar, eram algumas d'ellas sedentarias, outras nomadas, e haviam contribuido poderosamente para os progressos que se tinham realisado na arte de construir muito antes do apparecimento da architectura ogival. Porém, a contar d'esta epoca, um vasto campo se lhe apresentou e estas corporações adquiriram uma importancia muito maior, porque veiu a ser o seu trabalho muito mais necessario. Haviam exercido o seu mister até então, sob a direcção do poder monacal, obedecendo ás suas inspirações, executando escrupulosamente os planos dos monumentos que lhe eram impostos. Mas os architectos seculares tendo emancipado esses operarios e associando-os aos seus esforços acharam n'elles um poderoso apoio. Então duas confrarias de artistas e de operarios entram em luta; uma, nos claustros, fortemente constituida, orgulhosa de suas tradições, e querendo conserval-as; a outra, fóra do dominio religioso, porém nascente e robusta, compenetrada do espirito da sua epoca, pressurosa nas innovações e cheia de fé no futuro. N'esta, os trabalhos são sem fim; investiga-se sempre; estabelece-se uma emulação extraordinaria entre esta milicia do trabalho; procuram penetrar os problemas sobre ar

chitectura, como se fazia em outra parte sobre a metaphysica; tudo que se consegue é aproveitado para o desenvolvimento da sciencia de edificar; os defeitos são emendados e felizes invenções são rapidamente levadas ao conhecimento de todos, pelo poderoso auxilio da fraternidade. Chefes e operarios animados de um mesmo pensamento, todos se prestam com igual dedicação para esta obra monumental erguida pelos esforços reunidos da corporação. O triumpho não podia ser duvidoso. Porém se esta organização foi favoravel para elaborar e acalorar o desenvolvimento da arte, é

tambem possivel que contribuisse efficazmente para a sua rapida decadencia. Tinha com effeito por consequencia inevitavel estorvar a liberdade individual, impor formulas constantes, e principalmente conduzir a essa exaggeração de principios á qual as corporações se deixam mais facilmente arrastar, ainda mais que os individuos; e por esta razão desde a segunda metade do seculo XIII os symptomas da decadencia da arte ogival se manifestam de modo muito evidente.

J. P. N. DA SILVA.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### MEMORIA

PREMIADA PELA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES, APRESENTADA PELO SOCIO EX.<sup>mo</sup> SR. ANTONIO FRANCISCO BARATA, PARA O CONCURSO EM 1884, SOBRE A THESE SEGUINTE:

« Determinar a divisa usada nos escudos do conde D. Henrique de Borgonha e de seu filho D. Affonso Henriques; e descrever, documentando-a, a origem e alterações por que tem passado o escudo de armas do reino de Portugal. »

(*Diario de Noticias* n.º 6:598 de 7 de junho de 1884).

Ao indefesso mineiro do passado  
o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Joaquim Possidonio  
Narciso da Silva.

O. o auctor.

### I

« Nasceram as nacionalidades á  
sombra das religiões. »

D. Antonio da Costa, *Tres Mundos*, pag. 193.

« ... A idéa commum de uma  
divindade tutelar é para um povo  
um laço mui forte, porque é formado pelo sentimento. »

Canto, Hist. 1.º pag. 96. Trad.

Natural é no homem o sentimento religioso: este sentimento gera o respeito, afervora a fé, anima e robustece o valor.

Superior e mais poderosa do que o homem viu este uma força occulta, mysteriosa, potentissima na que preside ao trovão e ao despedir do raio, na que rege o movimento dos astros, na que regula os estos dos mares, na que, finalmente, equilibra toda a criação em seus admiraveis movimentos, em seus phenomenos, em seu modo de ser. Viu n'esse poder a divindade; e, com mil fôrmas e diversos nomes, começou de respeit-a, de servil-a, de temel-a.

Motor de seu predomínio, o homem só conheceu primeiramente a força bruta e depois esta, alliada com a crença do auxilio divino.

Duplicou suas forças, desdobrou suas aspirações, multiplicou seus desejos; quiz ser vencedor e venerado religioso ao forte que o não era.

Da observação e da historia brotam estas verdades.

Mais intelligente, mais astuto e mais religioso o homem venceu e subjugou ao homem: foi dictador, foi rei, foi imperador.

Assim sabemos que desde os mais obscuros tempos o chefe, o capitão, o cabo de guerra associaram previdentes a suas forças as forças da divindade, invisiveis, imponderaveis, só conhecidas por seus effeitos assombrosos.

Por mais conhecidos, dois exemplos aqui poremos: Antes de Christo nos mostra a historia a Numa Pompilio soccorrendo-se, religioso e pacifico, a essas forças da divindade na encarnação d'uma nympha Egeria, na descida do céu do celestial escudo, do celebrado *Ancilio*, salvaguarda invencivel do poder romano, que d'est'arte viera mimosear ao rei:

« ..... fragor profundo  
lá na abobada azul subito estoira!  
Tres trovões, tres relampagos, sem nuvens  
desfere a flux o deos! (ficções não canto)  
abrem-se ao meio os céos! monarcha e povo  
baixam olhos! lá desce em brandas auras  
boiando ethereo escudo! alta celeuma  
sobe unisona ao polo! o chefe ovante,  
imolada novilha ignota ao jugo,  
alça da terra o don; e porque em torno  
boleado e sem angulos o observa  
nome lhe põe de Ancilio... » (1)

Aos sabios entrega Numa a guarda não só d'aquelle escudo sagrado, mas de mais onze semelhantes na feitura, a fim de que nunca jámais podesse desaparecer o verdadeiro e com elle as victorias do romano povo.

Assim fez crer Numa ao povo rude na divindade tutelar, garantindo-lhe no culto do Deos Termino e no seu poder conservador a estabilidade de suas propriedades, em quanto mais tarde a *Lei agraria*

(1) Castilho — *Fastos*, livro 3.º

não lh'as salvaguardou, no consulado de Cassio, o republicano.

Agonisa a republica, expira, e d'ella brota o imperio, que vê nascer Christo, e enumera a Constantino, o vencedor de Maxencio, em sua serie já gloriosa, já inquinada de atrocidades medonhas.

Caminha sobre Roma o imperador christão em 312. É o dia 27 de outubro. Radiante de divino esplendor vê elle e vêem os seus no céu a cruz de Christo com o monogramma d'aquelle nome e com tres palavras gregas EN TOYTQ NIKH (in hoc signo vinces, com este signal vencerás). Anda em todos os livros esta lenda miraculosa. (1)

Constantino venceu a Maxencio, como lhe annunciara o monogramma. O poder da divindade viram na victoria os christãos.

A Roma pagã já tinha sobejas lendas desde a carinhosa loba: precisava tel-as a Roma christã. Aos soldados de Constantino já não insuflavam bellicos ardores, nem o *Paladio* nem o *Ancilio*: forçoso era que a cruz fosse então no labaro do imperador o signal certissimo de victorias e de triumphos.

Iam-se os deoses da gentilidade: ficava a cruz synthetizando um martyrio e uma redempção, e promettendo aos gastos soldados do imperio em decadencia a vida galvanica e ephemera do cadaver. (2)

## II

O genro de Affonso VI de Castella ao vir governar por elle o novo condado, que depois seria Portugal, já nos seus sonhos de independencia e conformemente ás idéas religiosas d'aquelle tempo semi-barbaro tomara por divisa a cruz, que, sem mais ornatos, trazia em seus escudos, dando de mão ás armas de Bolonha, ás da casa real de França, cujo era vergonteia destinada a gerar um novo reino. (3)

(1) Em Baronio, *Annales*, t. 3.º pag. 507 da edição de 1738 veem as diversas formas do monogramma ✠ P P P. Vid. Zenaro, *Hist. roman.* pag. 588 da edic. de 1678 e Tillemont, t. 4.º pag. 126 e outros muitos. Nos só nas bandeiras, mas ainda nas moedas mandou Constantino insculpir o monogramma e a divisa na forma latina, como pequena variante: *hoc signo victor eris* se lê na moeda que tem o numero 2:209 em Aragão. (*Descripção das moedas romanas do gabinete de S. M.*, etc.)

Variante d'esta inscripção começaram a usal-a os nossos reis nas moedas. D. Fernando empregou-a assim: *si dominus mihi adjuvator non timebo*. De D. Manuel para cá usou-se a forma constantiniana pura nos *Portuguezes* e nos *Tostões*: *in hoc signo vincere*.

(2) Aqui lembraremos ainda o pentagono, que Antigono, rei da Macedonia, viria no céu; a santa Cruz, que apparecera ao povo de Jerusalem em maio de 351; a imagem de Sant'Iago, que D. Ramiro vira na batalha de Clavijo e ainda a santa cruz que apparecera a Affonso VIII na batalha das Navas de Tolosa, em 1212. V. *Cenaculo — Cuidados Litterarios*, de pag. 361 em diante.

(3) V. no fim os desenhos das armas que veem em Faria e Sousa, estampa n.º 1, semelhantes ás que veem nos *Tropheos Lusitanos*, de Antonio Soares de Albergaria. E lede: "... tanto que o conde D. Henrique entrou no Senhorio de Portugal... usou algum tempo de hum escudo branco sómente sem figura nem divisa alguma. Depois assentou n'elle uma cruz azul d'aquelle feitio a que chamão potentéa, por ter a haste mais comprida que os braços.

O conde encostava se á egreja, que se desdobrava em mosteiros, conventos, asceterios, e lisongeava-a: contemplando-a muito poderosa já n'este trato de terra occidental, d'ella queria o poder auxiliador, não só para ir preparando a independencia d'elle, mas a sua dilatação contra o sul, em poder de mussulmanos, desde a conquista de Tarik e Musa.

Não tinha o embryonario reino nem lendas, nem tradições religiosas. Os martyrios de alguns santos e nada mais, nos eccos do passado.

D. Henrique começara de fundar o novo reino escudado dos braços da cruz.

Ao filho, ao primeiro que cingiria a corôa da realza áquem das serras de Suajo, cumpria o desenvolvimento da idéa religiosa. Preciso era que o céu viesse em soccorro dos portuguezes, que se constituíam independentes de Castella e de Leão.

Não menos valoroso do que politico, Affonso Henriques secundou ao pae no empenho de se acobertar á sombra da egreja, e excedeu-o muito. (1) Não bastava dizer que o poder lhe vinha do céu; cumpria demonstral-o com evidencia.

Mais perfeita appareição do que a de Constantino, e sacra confirmação pontificia da nova investidura real lhe esteiariam o debil reino contra os empuxões dos arabes, senhores das terras além do Mundo. (2) Posto o céu da sua banda, quem venceria o filho da formosa bastarda de Affonso VI? (3). Momentaneos eclipses sómente.

Affonso saíra de Coimbra em arrancada com os seus homens d'armas, em numero de onze a treze mil, que não ha concordancia no ponto, e fôra até aos campos de Ourique, junto de Castro-verde, no Alemtejo.

Era a noite de 24 para 25 de julho de 1139. O valente chefe da hoste aguerrida velava o quarto da modorra em sua tenda, entregue á leitura da Biblia, quando João Fernandes de Sousa lhe annun-

Sampaio -- Nobiliarchia Portugueza, cap. xxiv, pag. 195.

— O conde D. Henrique usou escudo branco como os romanos e depois da conquista da Terra santa mandou pintar n'elle uma cruz azul, cor da casa de Borgonha.

Academia dos Humildes e Ignorantes, t. 1.º, pag. 117.

— O conde D. Henrique não querendo usar das armas que lhe pertenciam pela casa de Borgonha, formou hum escudo e nelle em campo de prata trazia huma cruz azul.

D. Antonio Caetano de Sousa, Serie dos Reis de Portugal, etc. *Introd.*

— "... prit les esmaux de France & porta Bandé ou coticé d'or & d'azur de six pieces, retenant la bordure de gueules..."

P. Palliot — *La vray et parfaite science des armoiries*, 1664, pag. 46. V. no fim o desenho d'este escudo de Palliot.

(1) "Se a devoção teve muita parte neste acto, como querem alguns, é justo confessar que ella se unio com a politica, accomodada ás idéas do tempo."

Coelho da Rocha — *Ensaio*, etc. pag. 45.

(2) V. o mesmo Coelho da Rocha na nota á pag. 45, onde remette para outras fontes.

(3) "... Ego Comes Henricus, una cum uxore mea formosissima Tharsia..."

— it ego supradita dulcissima Tharsia..."

Ribeiro — *Dissert. chronol.* t. 3.º pag. 45.

cia que um ermitão lhe quer fallar. É introduzido. Tem por nome Leovegildo Pires de Almeida, e d'est'arte falla a Affonso: -- Que o céo o protege; que Jesus Christo lhe apparecerá crucificado; que vencerá aos mouros, e que o escudo de suas armas será composto das chagas de Christo e dos trinta dinheiros por que fôra vendido. Tal é a summa da falla do velho cenobita. (1)

Radiante de esplendor celeste apparecera ao romper d'alva Jesus Christo crucificado ao joven guerreiro, que, prostrado ante a divina imagem, dos labios d'ella ouvira a realisação do aviso do velho anachoreta, Pires de Almeida. Fere-se o combate, é vencedor Affonso.

Os mais antigos documentos que nos transmittem noticia da pugna são: o *Chronicon Gothorum*, o *Chronicon Lamecense* e o *Chronicon Conimbricense*. (2)

Os que nos fallam da appareição de Christo antes do combate não são coetaneos, com excepção do *Juramento* de D. Affonso Henriques, que, sendo falso, mostra ser antigo. (3)

(1) *Monarchia Lusitana*, t. 3.º, l. 10, c. 2.º

— Agostinho de Santa Maria — *Santuário Marianno*, t. 6.º pag. 358, e outros muitos auctores.

(2) «Era mclxxvii Octavo Calendas Augusti in Festivitate sancti Jacobi Apostoli anno Regni sux undecimo, idem Rei Dominus Alfonsus magnum bellum commisit cum Rege Sarraceno- rum, nomine Esmar, in loco, qui vocatur Aulic...»

*Chronicon Gothorum* — *Port. monumenta* — *Scriptores*.

— «In loco qui dicitur oric fuit prelium inter paganos et christianos preside rege Alfonso Portugaliae ex una parte, et rege paganorum examare et altera...» Era mclxxvii.

*Chronicon Lamecense* — *Portug. monumenta* — *Scriptores*.

— «In era m.ª c.ª lxx.ª vii.ª Mense iulii, die sancti iacobi, in loco qui dicitur ouric, lis magna fuit inter christianos et mauros, preside rege ildefonso portugalensi, et ex parte paganorum rege esmare qui victus figam peciit.»

*Chronicon Conimbricense* — *Port. monumenta* — *Scriptores*.

(3) V. Cenaculo — *Cuidados litterarios*, pag. 361 e segg. onde se citam os escriptores que, anteriormente a Brito, já escreveram da *Apparição*. Fiquem aqui algumas citações:

— «E assi pellegou e vendeo cincoo rex mauros no campo douryque omde lhe appareceo noso Senhor iesu christo posto em a cruz. Por cuya e semelhança do diuinal misteryo pos em seu escudo as armas que ora trazem os Reys de Portugal.»

*Port. monumenta* — *Scriptores*, pag. 25.

— «... por memoria d'aquelle boo aque cimento que lhe deus dera, pos no seu pendam cincoo escudos por aquelles cincoo Reis, e pose-os em cruz por renebrança da cruz de nosso Senhor iesu christo, e pos em cada hum escudo xxx dinheiros por memoria daquelles xxx dinheiros porque judas vendeo Iesu christo...»

Ibid. pag. 27.

— «... e depois que os Reys forão vencidos el Rey dom a.º de portugal por memoria daquelle boo acôtecimento que lhe des dera trouve por armas sinquo escudos por aquelles sinquo Reys. e pose os em cruz de nosso seño. Jhus xpo. e pos em cada hñ escudo trinta dinheiros porque judas o vendeo.»

*Antiguidades e Historia de Hespanha, traduzida e resumida em portuguez da historia que compoz em Hespanha o grande Rey Dom Affonso o sabio, de Castella, etc.*

Codice <sup>C V</sup> <sub>2-23</sub> da Bibliotheca de Evora, in fine.

O Dr. Antonio Nunes de Carvalho começou a publicar esta historia em Coimbra, Imp. Litteraria, 1863, de uma copia que fizera em Paris, e diz no Prologo: «Anonyma, escripta antes do meado do seculo quinze em Portuguez. Hum volume de folha em pergaminho, cara ter meio gothico, com letras encarnadas em partes... tem as Armas Reaes de Portugal sobre a cruz de Avis e com os escudos de modo que se usavam antes da mudança que fez nellas El Rey D. João o II em 14-8.»

— «... polla mercê que lhe Deos fêz El Rey pôs em seo escudo branco huma cruz azul e sinquo escudos por os sinquo

Anteriormente a Fr. Bernardo de Brito alguns escriptores nos fallam da *Apparição* e do *escudo portuguez*, ou *armas portuguezas*, d'onde podemos inferir que de mais longe vinha já a lenda, ao menos do tempo em que se forjou o documento do *Juramento de Affonso Henriques*, dado que elle, em verdade, fosse escripto no anno de 1152 e não posteriormente, com ante data. (1)

### III

Não se conhecem em Portugal sellos do conde D. Henrique. De D. Affonso Henriques temos um que pende de uma doação ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra do Couto de Quiaios, Lavos e Eimede, da era de 1171. (2)

Suspeita da genuinidade d'este documento João Pedro Ribeiro, dizendo que a era é a de 1181 e não a de 1171; que já lhe não viu a palavra *regis*, que ainda tinha no tempo do auctor da *Historia Genealogica*; que a letra é a franceza, muito facil de imitar e de contrafazer; que é assignado pelo chanceller *Ambertus* por *Albertus*, fôrma que elle lera n'outros documentos do tempo, e por se não ter achado sello pendente authenticico de D. Affonso Henriques. (3)

Dois exemplares vão no fim d'este trabalho, das armas do conde D. Henrique. Vê-se um em Faria e Sousa, *Europa portugueza*, e já antes no *Epitome*, e outro que vem em Palliot. (4).

O de Faria e Sousa não se abona em documento algum senão em sua auctoridade, e o de Palliot tem a mesma força comprobativa. Dá, comtudo, força ao parecer de Faria e Sousa, o escudo que nos apresenta Antonio Soares de Albergaria, nos *Tropheos Lusitanos*, em tudo semelhante ao d'aquelle escriptor, menos no timbre. (5).

Por copia vão tambem adiante as armas de D. Affonso Henriques, segundo o sello referido e segundo Faria e Sousa

Não se podendo, pois, considerar estas armas isentas de suspeita, somos forçados a recorrer ás moedas do primeiro Affonso para n'ellas estudarmos, ainda que menos exactamente, a fôrma do

Reis que vendeo, que sam as armas Reaes e devinas dos Reis de Portugal e em cada escudo estam sinquo oos, que senefiquam os trinta dinheiros porque Christo foi vendido, e estam em Cruz e pera se contarem os trinta dinhos, os oos que estam no meio amde ser contados duas vezes o comprido e atravessado e desta maneira ficam contados trinta em todos os sinquo escudos.»

Acenheiro — *Coroniqua dos Reis de Portugal*, nos Ineditos de hist. port. t. 5.º pag. 24.

— V. tambem sobre o *Juramento* as *Memorias de Litteratura*, t. 5.º pag. 335 e segg.

— V. mais — Pereira Caldas — *Dois lendas patrias*, onde ha rove argumentos contra o *Juramento*. Braga, 1878.

(1) *Memorias de Litteratura* citadas.

(2) V. adiante, estampa respectiva.

(3) *Observações de Diplomática*, pag. 142.

(4) V. adiante as estampas.

(5) A. Soares de Albergaria — *Tropheos*, etc., estampa 8.ª

escudo de armas do primeiro rei, e n'esse estudo a explicação plausível de sua contextura.

Os *morabilinos* de D. Affonso Henriques já nos apresentam as cinco quinas collocadas em cruz, tendo cada uma quatro arruellas assim dispos-  
tas : : : ainda em fôrma de cruz. Só no reinado seguinte é que nos apparecem as cinco arruellas pela vez primeira, d'este modo : : : , nas quaes os explicadores do escudo portuguez querem ver os *trinta dinheiros* porque fôra vendido Jesus Christo, duplicando para isso as do escudo central. (1)

(1) «Quiz el Rey significar não só a cruz Sagrada em a posição dos cinco escudos, mas em o numero delles as cinco Chagas de Christo Nosso Redemptor, & o prego porque foy vendido aos Judeos, em os dinheyros que man-lou pôr em cada hum dos escudos: & porque este numero, alem de grande, não tinha lugar muitas vezes pela incapacidade do sitio, se ordenou pelo tempo adiãte, que em cada escudo se mettessem cinco dinheyros, com que o numero de trinta se podia encher contando duas vezes o escudo do meyo, ou ajuntando ao numero dos dinheyros os cinco escudos.»

*Monarchia Lusitana*, t. 3.º, c. vii, pag. 178 e segg.

— «Poz sobre o campo que dante no escudo trazia, por Armas huma Cruz toda azul, partida em sinquo Escudos, pelos sinquo Reys que vencera, e meleo trinta dinheyros de prata em cada hum dos Escudos em relembança da morte e Payção de Christo vendido por trinta dinheyros....»

Galvão — Chron. de D. Affonso Anriques, cap. viii.

— «Tem por armas (Portugal) em campo da prata cinco escudos azues, postos em Cruz, em cada escudo cinco dinheyros de prata em aspa, representam os cinco escudos as cinco Chagas, e estes, contados segunda vez com os vinte e cinco fazem os trinta porque foy Christo vendido aos Judeos....»

Fr. João Pacheco — *Divertimento Erudito*, t. 4.º pag. 209.

V. mais sobre este ponto :

— D. Luiz de Menezes — *Portugal Restaurado*, t. 1.º pag. 6.

— *Academia dos Humildes e Ignorantes*, t. 3.º pag. 303.

— D. Antonio Caetano de Sousa — *Serie dos Reis de Portugal*, Introducção.

— Pereira — *Maior Triumpho da Monarchia Lusitana*, pag. 279.

— Camões — *Lusiadas*, c. iii, est. 45 e 53 e 54 e já no c. i, est. 7.

— Pinho Leal — *Portugal antigo e moderno*, vol. 7.º pag. 592 e 593.

— P.º Antonio Vieira — *Palavra de Deos empenhada e desempenhada*, pag. 232.

— Barbuda — *Reys de Portugal y Empresas militares de lositanos*, 1624, pag. 2 v.

— D. Francisco Manoel de Mello — *Ecco politico*, 1645, pag. 37 v.

— Fonseca — *Evora gloriosa*, pag. 40.

— Barbosa Machado — *Bibliotheca lusitana*, t. 1.º pag. 52.

— *Agiologio Lusitano*, t. 4.º

— Moraes e Silva — *Hist. de Portugal*, t. 1.º pag. 94 e 95.

— Duarte Nunes de Leão — *Chronica de D. Affonso Henriques*, 1677, pag. 29.

— Manoel Corrêa — *Com. aos Lusiadas*, c. i e c. iii.

— Bernardes — *Nova Floresta*, t. 1.º pag. 350 e 351, onde se lê :

Guardadora e mais guardada  
Foi de Affonso a Cruz em tudo :  
Por isso se armou de tudo,  
Que a poem de escudos armada.

É traducção de um antigo epitaphio do primeiro rei :

Quod crucis hic tutor fuerit, nec non Cruce tutus  
Ipsius Clypeo Crux clipeata docet.

— A. M. Bonnucci — *Istoria della vita ed Eroiche Azioni de Don Alfonso Enriquez*, 1719, pag. 69.

As dadas por mão divinas  
A Rei mais que terreal,  
Armas são de Portugal  
Sobre prata sinco quinas,  
côos dinheiros por signal.

João Rodrigues de Sá — Codice <sup>CXVII</sup><sub>1-10</sub> da Bibliotheca de Evora.

— J. Rousseau — *L'histoire du Portugal*, etc. 1714, pag. 413.

— *Thebaida Portugueza*, t. 1.º pag. 22 e 23.

— Vita Serenissimi Alfonsi Henrici, Codice <sup>CIV</sup><sub>1-29</sub> da Bibliotheca de Evora.

— J. Pinto Pereira — *Apparatus historicus*, etc. Romae, 1728.  
Cita muitos escriptores que escreveram sobre o assumpto, desde André de Rezende a Vasconcellos, etc.

Estas explicações não podem deixar de ser phantasiosas, pois que temos escudos em sellos e moedas com uma só arruella, com quatro, cinco, dez, onze, treze, dezeseis e com centos d'ellas. (1)

O que, fôra de duvida, se vê predominar nas armas portuguezas é a cruz. (2)

A idéa das *cinco chagas* nos cinco pontos ou arruellas das quinas, não parece, pois, de Affonso Henriques, mas de Sancho I, a menos que não venha a apparecer sello ou moeda que nol-o prove.

Ora, não sendo do primeiro rei esta fôrma de bração, e sendo dos subsequentes, claro parece que, sem embargo de vermos logo na infancia do reino a cruz nas armas portuguezas, prova-se que os reis seguintes foram compondo o escudo a seu gosto e talvez com explicações religiosas tambem, chegando a vêr-se em uma moeda de Sancho II os quatro *cravos* nos angulos da cruz. (3)

Se a explicação dada por nossos historiadores fosse a verdadeira e sempre a mesma, inalteráveis teriam vindo as armas desde o principio da monarchia, e n'ellas não veriamos não só a variedade de arruellas, mas a de castellos e outras até D. João II; assim, forçados somos a considerar as alterações e mudanças como puro e simples gosto dos reis d'armas antigos, de accordo talvez com a vontade dos soberanos. (4)

É possível que n'essa variedade de numero de arruellas vejamos os crentes symbolos das *cinco chagas*, dos cinco reis vencidos, das cinco feridas recebidas, dos trinta dinheiros, de quatro esquadroes,

(1) Aragão — *Descripção geral e historica das moedas*, etc., t. 1.º in fine nas estampas.

Confronte os sellos da *Historia Genealogica*, t. 4.º, com as moedas e com as armas de nossos reis apresentadas por Faria e Sousa — *Europa portugueza* t. 2.º, e verá a completa discordancia no tocante ao numero de arruellas.

(2) Não só entre nós mas 'noutras nações succedia o mesmo. As armas dos *Grameil*, em França, por exemplo, são um escudo com uma cruz, e nella cinco estrellas. V. Marc de Walson — *La science heroique*, Paris, 1669.

(3) Aragão — *Descripção*, etc. *Dinheiro* de Sancho I, est. numero 1.

(4) D. João V não gostou do desenho que lhe apresentaram das *Dobras de ouro escudos*; reprovou-os e mandou fazer outros. Aragão — *Descripção*, etc. t. 2.º, pag. 83.

Comprovando a asserção, leia-se a *Composição das Armas do Reino de Portugal*, etc., onde se vê isto : «Sobre a primeira se pinte a cruz de Christo com cor de páo e Coroa de espinhos na cabeceira com o titulo das 4 letras I N R I, etc., etc. Sobre a segunda (espheras) a cruz da cavallaria de Christo e sobre esta, ficando descobertas as pontas da cabeça, braços e pés outro escudo branco e encarnado do mesmo tamanho, e nelle cinco escudetes vermelhos em lisonja em aspa e em cada um hum cinco moedas de prata, etc., etc.»

Codice <sup>CIV</sup><sub>1-25</sub> da Bibliotheca de Evora, pag. 12 e 13.

E' um autographo de Gaspar Clemente Botelho, escripto em 1641 e offerecido a D. João IV. São as armas pintadas em pergaminho, e bem trabalhadas, em verdade. Nada falta 'nellas, nada escapou ao devoto auctor, desde a cruz até a coroa de espinhos ! Como singularidade heraldica são notabilissimas estas armas.

— Mais confirmando o phantasico das armas portuguezas existe no portico manuelino da egreja de S. João, em Moura, o bração portuguez ornamentado de quatro castellos sómente, e outro sobre a porta da torre de menagem com 17 castellos, contendo cada escudo diverso numero de arruellas, não inferior a vinte ! E' manifesta a phantasia e capricho dos lavrantes e pintores.

de onze a treze mil soldados portuguezes e de milhares de mouros vencidos em Ourique.

Não podemos nós explicar taes discordancias; acreditando, comtudo, que seja a religião, que seja um symbolo qualquer a chave que tudo explique.

A lenda da *Apparição* não se discute, nem para a refutar nem para a defender: não faz mal a ninguém e pôde fazer bem a muitos.

Assim, não só com respeito ás armas do conde D. Henrique e do filho, mas ás subsequentes mudanças operadas nas Armas de Portugal, nada de positivo podemos afirmar, acreditando que ninguém o faça, em vista da synthese de observações seguintes:

#### ARMAS DO REINO

Segundo—Faria e Sousa:

|             | castellos | arruellas |
|-------------|-----------|-----------|
| Sancho II   |           | 13        |
| Affonso III | 16        | 11        |
| » IV        | 8         | 10        |
| João I      | 12        | 5         |
| » II        | 7         | 5         |

Teixeira de Aragão:

|             | castellos | arruellas |
|-------------|-----------|-----------|
| D. Fernando | 8         | 5         |
| »           | 4         | 5         |
| João I      | 4         | 5         |
| D. Duarte   | 8         | 5         |
| »           | 4         | 5         |
| Affonso V   | 8         | 5         |
| »           | 4         | 5         |
| João II     | 7         | 5         |
| »           | 4         | 5         |

Historia Genealogica:

|             | castellos | arruellas |
|-------------|-----------|-----------|
| Affonso III | 9         | 11        |
| »           | 8         | 16        |
| D. Diniz    | 12        | 10        |
| »           | 12        | 11        |
| Affonso IV  | 10        | 10        |
| »           | 9         | 11        |
| »           | 12        | 10        |
| Pedro I     | 12        | 10        |
| »           | 12        | 15        |
| D. Fernando | 14        | 5         |
| João I      | 10        | 10        |
| »           | 8         | 5         |
| »           | 14        | 10        |
| D. Duarte   | 6         | 5         |
| »           | 10        | 5         |
| Affonso V   | 12        | 5         |
| »           | 10        | 5         |
| João II     | 10        | 5         |
| D. Manuel   | 13        | 5         |
| D. João III | 14        | 5         |
| »           | 10        | 5         |

#### RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTA

(Continuado do n.º 3, tomo vi, pag. 46)

O altar-mór das cathedraes assim como das collegiaes que não possuíam grandes reliquias, só veio a ter retabulo no xiv seculo. Tanto no xii como no xiii seculo, se collocavam n'estes edificios retabulos sobre os altares secundarios do transepto e das Capellas absidaes. Estes retabulos eram de pouca espessura, não se lhes podendo collocar em cima nem crucifixos, nem candeeiros.

*Altars portateis.*— Apresentam ordinariamente,

bem como os do periodo Latino, a forma de um parallelogrammo rectangular, e são compostos de uma lagea de marmore ou de pedra mettida n'um caixilho de carvalho e guarnecida com bordados de oiro ou de prata, de modo a não tornar visivel senão a parte superior da placa.

A lagea que constituia o altar propriamente dito era de porphyro, de jaspe, de onyx, de crystal de rocha, de pedra preta e até mesmo de ardosa. Tambem algumas vezes constava de uma pedra preciosa unicamente como recordação historica que a ella estava ligada, por exemplo, um fragmento das lageas tintas com o sangue de S. Thomaz de Cantorbéry.

As reliquias, cuja presença é de rigor em todo o altar, encontram-se entre a lagea de marmore ou de pedra e o caixilho de madeira: algumas vezes era este concavo em forma de recipiente. Em geral os altares portateis são de pequena altura, apenas alguns têm a forma de um pequeno cofre sustentado por pés pouco elevados. As laminas de metal que constituem os adornos são muitas vezes cobertas com filigranas, pedrarias, folhagens gravadas, ou figuras esmaltadas.

Usaram-se estes altares até ao final do seculo xiii.

*Piscinas.*— A ablução das mãos, tanto antes como depois do sacrificio da missa, foi sempre um dos preceitos dos padres. Deitava-se nas piscinas não só a agua de que o padre se servia para a ablução das mãos, mas até mesmo aquella de que os ministros se serviam para lavar tanto os calices ordinarios como os ministeriaes em seguida á communhão do padre e dos fieis.

N'esta época o padre não tomava as abluções do mesmo modo que actualmente.

Algumas piscinas, que são as mais antigas, têm apenas uma abertura ou concavidade para dar passagem á agua; ha porém outras que têm duas, uma para escoadouro das aguas ordinarias, e outra para receber as abluções das mãos.

As primeiras chamam-se *piscinas simples*, e as segundas *duplas*. As mais antigas são de uma grande simplicidade, pois muitas vezes apenas constavam de uma bacia, ou escavada no proprio banco de pedra que havia junto á parte inferior das paredes, ou sustentada por uma pequena columna isolada, ou por muitas formando grupo. As piscinas que são sustentadas por columnas chamam-se *pediculadas*.

No xii seculo começou-se a collocar *piscinas* em nichos abertos nas paredes exteriores da igreja. As piscinas duplas só no fim do xii seculo appareceram.

*Doceis.*— Foi durante o periodo roman que maior uso tiveram os doceis. Em geral consistem

n'uma especie de cúpula quadrada ou polygonal, de marmore, de estuque, ou de pedra. Muitas vezes têm um leão sentado entre a base e o fuste das columnas. A face anterior da cúpula é quasi sempre munida de uma estante, sobre a qual o diácono ou o leitor collocava o livro sagrado.

Esta estante assentava ordinariamente na cabeça de uma aguia, symbolo do Evangelista S. João; e algumas vezes na de um homem munido de azas, emblema de S. Matheus. Quando a estante assentava sobre a cabeça de aguia ou de homem com azas, os symbolos dos outros evangelistas estavam tambem, ás vezes, representados nos angulos da base da cúpula.

Nas egrejas mais ricas havia mesmo doceis cuja cúpula era revestida de ouro, de prata, e de laminas esmaltadas, ou decorada com esculpturas sobre marfim.

*Cadeiras episcopaes ou do clero.* — A cadeira episcopal nas cathedraes, ou do celebrante nas egrejas inferiores, achava-se regularmente, como no periodo Latino, no fundo do abside do côro, contiguo á muralha; e aos lados estendiam-se os bancos ou cadeiras destinadas ao clero. Esta disposição, que foi conservada até nossos dias em algumas egrejas romans, era a que havia em todas as egrejas seculares, tanto cathedraes, como collegiaes e parochiaes.

Havia, já o dissemos, algumas excepções a esta regra, como succedia com certas collegiaes que possuíam um altar das reliquias no fundo do côro, e com as egrejas monasticas. N'estas ultimas cedo foram mudadas as cadeiras para o transepto, e mesmo para o corpo da nave; sem duvida por causa do grande numero de religiosos, que era impossivel collocar convenientemente na curvatura do côro.

Durante a maior parte do periodo roman os bancos dos padres foram de marmore ou de pedra como anteriormente. As cadeiras ou *fórmæ*, *formulæ*, de madeira, foram raras até ao fim do xii seculo; apenas se encontram algumas que escaparam á destruição. Vê-se perfeitamente que estas cadeiras, apezar de bem feitas em madeira, imitam todavia exactamente as antigas de pedra.

#### Capellas funerarias, tumulos e pedras tumulares

*Capellas funerarias.* — Construíram-se algumas vezes, nos cemiterios e na proximidades das egrejas, capellas funebres, de fórmula circular ou polygonal, á semilhança da rotunda construida pelo imperador Constantino sobre o Santo Sepulchro, ou o mausoléu de Theodorico em Ravenna (Italia).

*Tumulos.* — O costume de encerrar em sarcophagos os restos mortaes das pessoas ricas e po-

derosas existiu no Norte da Europa até ao xii seculo, e nos paizes meridionaes, isto é, no Sul da França, na Italia e na Hespanha existiu pelo menos até ao xiv. Estes sarcophagos constavam, como no periodo antecedente, de cofres oblongos, de pedra ou de marmore, muitas vezes mais estreitos para o lado dos pés, e fechados por uma tampa convexa ou em fórmula de telhado de duas aguas. Eram esculpidos com ornatos e symbolos; florões, folhagens, monogrammas, cruces e alguns assumptos allegoricos. Collocavam-nos habitualmente sobre pequenos pilares grossos, ou sobre columnas curtas só com o fim de os isolar do solo.

Durante o periodo roman tambem foi adoptado o uso dos *cenotaphios* que consistem em sócos de pedra, macissos d'alvenaria ou grupos de columnas, assentes sobre uma sepultura subterranea e sustentando ou um sarcophago simulado ou a effigie do defuncto. Em tôrno do sóco ou do macisso d'alvenaria acha-se disposta uma série de pequenas columnas. Umas vezes são unidas por meio de arcos, outras, o rebordo da grande lage que corôa o sóco é apoiado sobre as columnas. No xii seculo, os cenotaphios começaram a ser encimados pela effigie do defuncto, esculpida em relevo e ás vezes até mesmo gravada ao traço ou representada em esmalte. O personagem é geralmente collocado estendido sobre um leito e tem todas as insignias da sua dignidade; os bispos estão com a mitra e o báculo pastoral; os reis e os principes, com o sceptro e a corôa. Estas estatuas deitadas não apresentam o aspecto d'um morto; porque têm os olhos abertos, os gestos e attitudes de pessoas vivas.

Alguns anjinhos fazem balancear thuribulos ou sustentam a almofada sobre que assenta a cabeça do personagem

*Tumulos não apparentes.* — Consistem, como os do periodo anterior, em cofres de pedra ou de alvenaria mais largos do lado da cabeça que dos pés e fechados por uma tampa chata ou prismatica. No interior do cofre encontra-se algumas vezes, principalmente do xi até ao xiv seculo, um espaço circular destinado a receber a cabeça do cadaver. Alguns têm no fundo dois regos, no prolongamento dos quaes está feita uma abertura destinada a dar vazão ás materias viscosas.

*Pedras tumulares.* — O uso das pedras tumulares continuou durante o periodo roman. Em geral têm a fórmula d'um trapezio; algumas tambem, as mais antigas, são rectangulares. A sua decoração em geral consiste em figuras geometricas, folhagens ou figuras symbolicas, e raras vezes se lê o nome do defuncto, e a causa e data do seu fallecimento.

*Pias baptismaes.* — As pias baptismaes eram de

grandes dimensões durante todo o periodo roman, por isso que se continuou a administrar o baptismo por immersão até ao XII seculo. As pias eram em geral de pedra; contudo algumas havia de bronze e outras de cobre. Em França e especialmente na Inglaterra tambem as havia de chumbo.

(Continúa)

POSSIDONIO DA SILVA.

#### EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 87

Os quatro brazões d'esta estampa pertencem á memoria premiada que publicamos n'este numero do boletim, afim de melhor esclarecer o assumpto do concurso a que o auctor havia concorrido.

Quinze brazões reaes foram usados pelos soberanos de Portugal nos seus reinados.

O rei que primeiro teve o brazão composto de castellos foi D. Affonso III, em 1243, com 12 castellos. O brazão de D. Diniz tinha 14. D. Pedro em 1357 reduziu o numero a 10 castellos. Esse numero foi conservado nos tres reinados seguintes.

No reinado de D. Sebastião ficaram os escudos tendo só 7 castellos, e a corôa principiou a ser fechada.

D. João VI, depois de aclamado rei em 1816, ajuntou ao escudo a esphera armillar, que depois da separação do Brazil, ficou supprimida, sendo seguido nos outros reinados até hoje o uso do brazão adoptado pelo rei D. Sebastião.

J. DA SILVA.

#### CHRONICA

Não constando na Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes haver já na cidade de Faro, no Seminario episcopal de S. José o ensino de Archeologia que fôra principiado em 1885 pelo illustrado Vice-Reitor Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto, não poudes esta Associação galardoar, no devido tempo, tão valioso serviço feito á instrucção do nosso paiz: com grande pezar seu não laureara aquelle digno professor de archeologia do Seminario, mas a Associação tendo recebido depois informações com os respectivos documentos da inauguração d'esses estudos n'aquella cidade, deliberou que se desse a tão benemerito archeologo um testemunho publico de merecida consideração, conferindo-lhe o titulo de Socio Honorario assim como a faculdade de usar do distinctivo da Associação, honra que só é dada aos socios effectivos, e que lhe fosse tambem offerecida a respectiva joia.

Passamos a transcrever os documentos:

III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, digno Fundador da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Cumpr-me agradecer a delicada attenção de V. Ex.<sup>a</sup> dignando se tão generosamente responder á minha modesta carta de 9 do corrente.

A muito me obrigam distincções como aquella com que V. Ex.<sup>a</sup> me pretende honrar — qual a de me propor Socio da *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, cuja fundação e progresso tanto devem á sua funda competencia e acrisolada sollicitude.

Acceito gostosamente essa distincta confraternidade; não de certo, por vaidosa flatulencia, mas pelo credito que a este seminario advém, por ser n'elle que primeiro se iniciaram, em o nosso paiz, uns estudos elementares, mas regulares, de *Archeologia historica e prehistorica*.

Como reputo esta *prioridade* a base da distincção com que V. Ex.<sup>a</sup> me deseja nobilitar e não menos d'aquell'outra com que muito mais me enalteceria, se eu, mais cedo, tivesse certificado esta verdade, convém, de todo o ponto, demonstral-a, para assim dar a V. Ex.<sup>a</sup> fundado argumento á sua generosa proposta de tão honroso titulo cuja gloria mais pertence a este Seminario do que a mim proprio, para quem ella é sobradamente alevantada.

Foi em 1881, que eu entrei, n'este Seminario, começando por tomar conta de uma cadeira do curso superior; e logo, sentindo-me em região de fecundissimos criterios archeologicos, fazia, nas digressões que alguns assumptos permittiam, sobresahir a importancia dos estudos da *Archeologia*, chegando a consagrar a theses que a isto christãmente pertencem, mais de uma prelecção escolar.

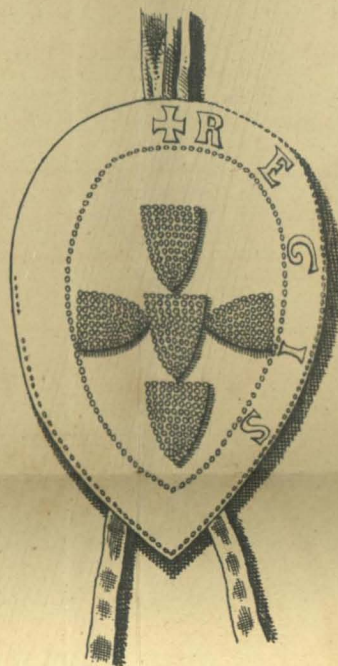
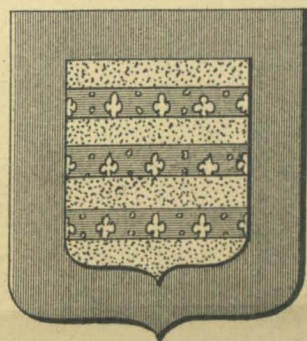
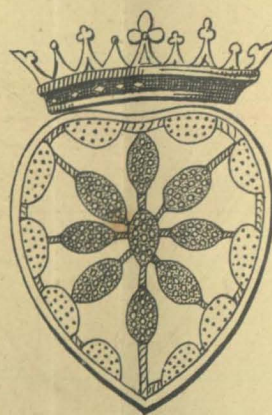
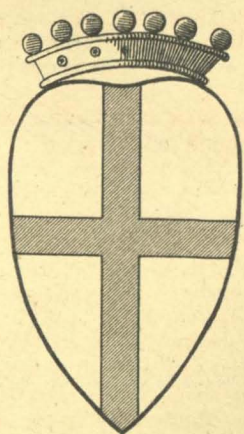
A fôrma progressiva, que a estes trabalhos fui dando, demonstra-o a copia de documentos authenticos existente em a Secretaria d'este Seminario e meu gabinete particular; em nada me embaraçando o infeliz amortecimento do iniciado *Instituto Archeologico do Algarve*, por quanto estes labores sempre figuraram em destacado d'aquell'outros.

E a prova é que ha todas as lições de um curso elemental de *Archeologia*, visto como eu dei — no fim da Geometria, umas notas architectonicas das cinco ordens classicas — a proposito do criterio historico em a minha aula de dogmatica, discuto o prehistorico com a precisa reflexão de *Palæthnologia* geral, nacional e algarbiense — e é, sob minha fraca orientação que o Rev.<sup>o</sup> Professor de Liturgia ministra o sufficiente de *Archeologia christã* das tres epochas que successivamente a caracterisam.

D'aqui se vê, que ha n'este Seminario, todos os trabalhos escolares de um curso inicial de *Archeologia*, sem que, todavia (com dispensavel sobrecarrego economico) haja montada uma cadeira exclusivamente *ad hoc*: é, de certo, por esta razão que V. Ex.<sup>a</sup> não recebeu a superior communicação que desejava e a que se refere em sua obsequiosa carta de 11 do corrente — mas este ramo de instrucção vive; e, já mesmo antes da chegada de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o sr. Arcebispo, tinha os principaes trabalhos que lhe são proprios.

Mais saiba V. Ex.<sup>a</sup> — sem o minimo tom de lisonja — que é ao *Abécédair*e d'*Archéologie* de Mr. Caumont e aos *Elementos de Archeologia* por V. Ex.<sup>a</sup> publicados com prefacio do Sr. Vilhena Barbosa, que

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.



Primitivos Brasões Reaes de Portugal.

Estampa 87.

1889.

eu devo o gosto que sinto por esta ordem de trabalhos, aos quaes, por muita escasez de tempo, não posso dedicar toda a intimidade que ardentemente desejava. Asseguro, todavia, a V. Ex.<sup>a</sup> a minha convicta propaganda, *contra os vandalismos que têm destruido tantas antiguidades*; e, peço-lhe acredite na já principiada recommendação do seu bom *Resumo elementar de Archeologia christã* que, com a devida venia do meu digno Arcebispo, muito nos hade ajudar n'este bem merecido empenho, esperando da eximia bondade de V. Ex.<sup>a</sup> que se não esquecerá de me ir remetendo a continuação dos fascículos com que me brindou e que cordealmente agradeço.

Disponha V. Ex.<sup>a</sup> da boa vontade de quem respeitosamente se assigna de V. Ex.<sup>a</sup> justo admirador e criado muito agradecido.

Seminario episcopal de S. José, em Faro, 14 de dezembro de 1888.

*Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto.*  
Vice-Reitor do Seminario.

\*  
\*   \*  
\*

Ill.<sup>m</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, digno Fundador da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> a agradavel noticia da distincção que a Real Associação, a que V. Ex.<sup>a</sup> tão dignamente preside, se dignou de conferir-me, nomeando-me Socio honorario: promettendo, quanto em meus debeis recursos couber, corresponder em zelo e dedicação ao louvavel fim scientifico que essa illustre corporação se propõe.

Com toda a consideração me assigno de V. Ex.<sup>a</sup> Servidor muito attento e obrigado.

Seminario episcopal de S. José em Faro, 12 de fevereiro de 1889.

*Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto.*

\*  
\*   \*  
\*

Ill.<sup>m</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Vice-Secretario da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

Tenho o prazer de accusar o officio bondosamente assignado por v. ex.<sup>a</sup> na merecida qualidade de vice-secretario da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, em que se me faz a participação do generoso voto de louvor, nomeação de socio honorario, e, por excepção unica, offerta do distinctivo da illustre sociedade que só aos dignos socios effectivos pertence, com que esta distincta corporação scientifica acaba de bizarramente corresponder a uns modestos serviços por mim prestados nos assumptos da sua alta competencia.

Isto tudo, bem como a copia da sessão da assembléa geral d'essa Real Associação que registra os factos supracitados, eu profundamente agradeço; contando da muita generosidade de v. ex.<sup>a</sup> que se dignará de, na proxima assembléa geral, fazer conhecer este sincero testemunho da minha gratidão e

cordeal confissão do subido apreço que ligo a tão distincta classificação.

Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> Ill.<sup>m</sup> ex.<sup>mo</sup> sr. vice-secretario da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes.

Seminario episcopal de S. José em Faro, 21 de fevereiro de 1889.

*Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto.*

## NOTICIARIO

Nas novas excavações feitas em Athenas descobriram-se na Acropole dois bellos e grandiosos fragmentos do friso do Parthenon e uma cabeça de mulher de extrema belleza, muito bem conservada, que se julga pertencer a uma estatua de Iris, da qual já se possui parte do corpo.

Extrahiram-se ultimamente das pedreiras d'*Oxford-Station* (Estados Unidos) lousas das maiores que se têm visto, as quaes foram applicadas a lagear os passeios do novo palácio do abastado Mr. Vanderbilt em New-York. Estas lousas *mammoulh*, como as designam os Anglo-americanos por causa das suas gigantescas dimensões de 6 metros de comprido, 4 metros e 50 centimetros de largura e 0<sup>m</sup>30 de grossura, têm de peso 12 a 20 toneladas: foram precisas 20 para formar o passeio junto ao edificio!

Alguns archeologos gregos, guiados pela indicação de Pausanias principiaram a fazer investigações no cume do monte *Lycome*, onde existia um templo em que havia tres estatuas do celebre escultor Polycléte, representando Apollo, Latona e Artemisa; e tiveram a fortuna de encontrar os vestigios das construcções d'este templo, o pavimento de marmore e muitos fragmentos de cornija, tijolos coloridos, etc. Enquanto a esculpturas, são por enquanto fragmentos de roupagem, braços etc., que já foram depositados no muzeu de Argos, continuando os trabalhos na esperança de acharem com que reconstruir, ao menos, uma das obras d'aquelle afamado artista.

Foram apresentados no Instituto de Paris da Academia de Bellas Artes por Mr. Charles Haury, bibliothecario da Sorbonna, tres novos instrumentos para a arte industrial: um transferidor; um triplice decimetro facilitando o estudo e o melhoramento esthetico de todas as formas; e um circulo chromatico apresentando todos os complementos e todas as harmonias de côres; segundo communicou o auctor ao Instituto.

A Universidade de Roma vae ter um grande Instituto de Archeologia sob a direcção do distincto senador Mr. Fiorelli, o qual alcançou uma merecida reputação pela habil direcção das excavações de Pompêa. Este curso de aperfeiçoamento, ao qual serão obrigados os estudantes, comprehenderá tres

annos de estudos com a obrigação de visitar os monumentos de Roma, Napoles e Athenas.

Vae ser restaurado o bello arco do *Carrousel*, em Paris, edificação feita pelos desenhos de M. Mrs. Fontaine & Percier, em 1806, por ordem de Napoleão I e que importou quasi n'um milhão de francos.

Os quatro cavallos atrellados ao carro de triumpho eram primitivamente os cavallos do templo do Sol, em Corintho. Esta famosa escultura foi transportada primeiramente para Constantinopla, pelo imperador Theodosio; para Veneza, levou-a o Doge Dandolo; sendo depois trazida para Paris a fim de servir de decoração a este arco. Em 1815 foi restituída a Veneza, mas tirando-se uma copia que orna o mesmo arco.

Foi determinado pelo governo francez que Mr. Jamot, membro da Escola d'Archeologia de Athenas, começasse as escavações proximo de *Thespies*, para se descobrir o Templo das Musas. Já appareceram a base do Templo, capiteis Jonicos, fragmentos de bronze, muitas inscrições, entre as quaes as dedicatorias das estatuas erigidas pelos Thespianos Agripacos, e aos membros de sua familia. Os trabalhos continuarão conforme permittir a estação.

O jornal de architectura inglez, *Builder*, de janeiro, publicou uma grande e bella estampa que representa Paris no tempo de Francisco 1.<sup>o</sup>

E' muito interessante para os amadores de archeologia esta reprodução.

Mr. Charmay, o investigador das ruínas do Mexico, participou ao Instituto de França a noticia de haver abatido o Templo da Cruz, em Palengué, perdendo-se uma grande parte. Os restos do monumento adornavam uma pyramide, e um *Téocali* ou collina artificial.

As investigações archeologicas feitas em Tunis, na antiga Thinisca em Aia-Tonga, fizeram descobrir 46 estêles ou fragmentos de estêle, tendo a inscripção seguinte:

SATVRNO. AVGVSTO. SACRVM.

Algumas têm somente as iniciaes S. A. S.

Pertencem a *ex-voto* em louvor de uma divindade da qual havia ali um santuario e altares. Aquelle que na lingua latina se chamava — Saturno Augusto — não era outro, conforme diz Mr. de la Blanchère, senão o deus Moloch dos Orientaes, Foram offerecidas pelo Bey, depois de estarem expostas na Exposição Universal de Paris, para o museu do Louvre.

A respeito da torre de Giotto de Florença, põe-se em duvida que ella fosse toda construida por este artista, mas sim concluida por dois: Andrea Pisano e Francesco di Talenti; pois foi achado um desenho da torre feito sobre pergaminho, pelo qual se conhece que somente a base da torre até á altura de 6 metros é de Giotto, que falleceu em janeiro de 1336-37, succedendo-lhe Andrea Pisano, o qual se suppõe tel-a continuado até á altura das primeiras janellas, sendo dispensado de continuar por in-

troduzir alteração no projecto; por tanto encarregaram Francesco di Talenti de concluir a obra desde 1330 a 1338, visto que nos dois lados do Domo de Florença a sua architectura é do mesmo estylo do alto da torre, e foi o architecto Talenti quem delineou e dirigiu a sua construcção.

Chegaram para o museu do Louvre (Paris) muitas antiguidades carthaginezas, perto de 150 estatuas, bustos, e outros objectos de marmore ou de pedra achados nas escavações de Carthago.

Em França, proximo de Beaumes, descobriram-se bellos fragmentos de frizos, um marmore monumental, assim como alguns fragmentos de ceramica e duas moedas de bronze do tempo de Faustina e de Valenciano II.

Tudo foi enviado para o museu da Sociedade de historia e archeologia.

O Congresso Internacional dos Architectos de 1889, em Paris, reunir se-ha durante a Exposição Universal inaugurando-se no dia 17 de junho; terá sessões geraes de secções; sessões publicas e de conferencias; fará visitas aos monumentos e excursões artisticas, havendo banquete e concerto.

Uma exposição com os retratos de architectos terá logar na Escola de Bellas-Artes tambem durante o tempo da Exposição Universal.

As sessões geraes da abertura e do final do congresso serão no palacio do Trocadero; as outras, na Escola de Bellas-Artes e no Hotel da Sociedade dos Sabios.

Alem das informações que temos dado a respeito das importantes descobertas archeologicas feitas ha quatro annos na Acropole de Athenas, accrescentaremos que as excavações tem continuado tomando as proporções de um acontecimento consideravel para a historia da Arte. A's estatuas já achadas vieram ajuntar-se inscrições, fragmentos de architectura, milhares de restos de vasos pintados; pozeram-se a descoberto os sócos de edificios muito anteriores ao Parthenon d'Ictinus; pôde-se agora penetrar no centro d'esta Athenas de Solon, Pisistrato e Themistocle, que se conhecia até hoje, somente pelas narrações dos historiadores; pode agora a nossa imaginação fazer resurgir os templos e as estatuas taes como existiram no tempo de Xerxes e taes como appareceram á vista dos Persas vencedores, quando, com o facho na mão, transpозeram as ultimas trincheiras da cidadella, e violaram o sanctuario de Minerva.

No museu de Patissia, 5 salas estão completamente cheias, constando tambem das descobertas feitas em Delos, no templo de Apollo e em Mantinea.

Admiremos, no nosso incólente indifferentismo para antiguidades, o desvelo com que as nações illustradas, mesmo da cathegoria do nosso paiz, procuram conservar os vestígios archeologicos, que se descobrem no seu solo; em quanto nós deixamos construir um gazometro proximo do admiravel monumento da Torre de Belem para elle ficar arrazado por alguma explosão ou pelo menos denegrado com o fumo do coke!